

# FIM

FERNANDA  
TORRES

Copyright © 2013 by Fernanda Torres

Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

Enseada #2, Guarujá, 2007. Cássio Vasconcellos/ Fotospot

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Marina Nogueira

Isabel Jorge Cury

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Torres, Fernanda

Fim / Fernanda Torres. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2359-9

1. Ficção brasileira I. Título.

---

13-11654

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira

869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# SUMÁRIO

## FIM

ÁLVARO, 11  
SÍLVIO, 59  
RIBEIRO, 93  
NETO, 131  
CIRO, 155

## EPÍLOGO

O PRÓXIMO, 183

**F I M**

# ÁLVARO

\* 26 de setembro de 1929

† 30 de abril de 2014

Morte lenta ao luso infame que inventou a calçada portuguesa. Maldito d. Manuel I e sua corja de tenentes Eusébios. Quadrados de pedregulho irregular socados à mão. À mão! É claro que ia soltar, ninguém reparou que ia soltar? Branco, preto, branco, preto, as ondas do mar de Copacabana. De que me servem as ondas do mar de Copacabana? Me deem chão liso, sem protuberâncias calcárias. Mosaico estúpido. Mania de mosaico. Joga concreto em cima e aplaina. Buraco, cratera, pedra solta, bueiro-bomba. Depois dos setenta a vida se transforma numa interminável corrida de obstáculos.

A queda é a maior ameaça para o idoso. “Idoso”, palavra odienta. Pior, só “terceira idade”. A queda separa a velhice da senilidade extrema. O tombo destrói a cadeia que liga a cabeça aos pés. Adeus, corpo. Em casa, vou de corrimão em corrimão, tateio móveis e paredes, e tomo banho sentado. Da poltrona para a janela, da janela para a cama, da cama para a poltrona, da poltrona para a janela.

Olha aí, outra vez, a pedrinha traiçoeira atrás de me pegar. Um dia eu caio, hoje não.

Um dia. Um dia já foi tão longe. Cruzei com o Ribeiro na Francisco Sá, não nos víamos há tempos, ele disse para a gente se encontrar “um dia desses”. Morreu no seguinte. Que horror estava o Caju, aquele forno de Auschwitz. As tumbas pareciam derreter. Passei mal no crematório, acharam que era emoção. Não deixava de ser. Estava ótimo, o Ribeiro. Jogou vôlei até o último entardecer, saiu da praia e apagou no banho, infarto fulminante. Não tenho mais amigos vivos, o Ribeiro era o último. Eu tinha certeza de que ele ia me enterrar, corria, nadava, parou de fumar aos quarenta e se recusou a ficar brocha. A irmã acha que foi o Viagra. Comeu muita gente o Ribeiro, ele dava muita importância para isso.

Antes dele foi o Sílvio. Ou o Ciro? Não, o Ciro foi o primeiro, de câncer, antes do Neto e da mulher do Neto. O Neto não aguentava a Célia, mas morreu um ano depois dela. Vai entender. Era insuportável a Célia, depois de velha, então, virou uma mulher amarga, ranzinza, feia. O Neto não suportou a paz.

Pensar que a Célia foi uma noiva gostosíssima. Devia ter morrido ali, no auge. Se o Neto soubesse, não tinha chorado o que chorou no altar. Homem é um bicho muito bobo.

O Sílvio partiu num fevereiro de Carnaval. Ele abriu os trabalhos na sexta e emendou dez dias virado. No domingo da outra semana, deixou três vadias de prontidão no apartamento e saiu para comprar mais pó, misturou com tudo e o coração não segurou. Encontraram o Sílvio emborcado na Lapa, perto da Mem de Sá, com um lança-perfume na mão e cinco gramas de cocaína no bolso. O Sílvio bebia, normal, mas quando veio a menopausa, eu sei que é andropausa, mas não gosto de andropausa; é que nem siririca, que é um nome repugnante, melhor punheta, independente do gênero; enfim, veio a menopausa e o Sílvio despirocou. Ele conheceu umas gurias novinhas do Sul, libidinosas, traficadas, e virou escravo das duas. A gente parou de se

ver com as gaúchas, elas tiraram ele de circuito. Deus mandou duas diabas frígidas para acabar com a raça dele. Foi castigo. Que ano foi isso? Não sei, já foram tantos: os anos e os amigos.

Não faz muito tempo, ir da minha casa até o consultório do Mattos, Mattos é o meu clínico geral, me custava dez minutos a pé. Hoje, levo quarenta. Andar deixou de ser um ato inconsciente. Vigio os passos, os joelhos, mantenho a atenção na rota. Tudo dói, pelas razões mais diversas, todas condizentes com a velhice. O Mattos me mandou para mais de dez especialistas. Um quer operar a catarata, o outro, a vesícula, todos me entopem de remédios. O dr. Rudolf acha que minhas veias já não seguram a pressão do sangue, planeja meter canículas na femoral, na aorta. Fico quieto, finjo que não estão falando comigo. São uns neuróticos esses médicos, vaidosos, brutais. Queria ver um deles encarar a faca.

Opa! Fezes caninas. Como se não bastasse. No meu prédio tem uma senhora que cria uns minicães histéricos e de latido fino. Todo fim de semana ela viaja e deixa as bestas trancadas na área de serviço. Eles ganem de solidão. Ainda denuncio a bruxa do 704 por maus-tratos. Considero humilhante recolher cocô com saquinho. Entendo os que deixam para lá, só não aceito o sujeito mofar com um cachorro dentro do apartamento.

Me arrependo de todos os bichos de estimação que tive. Infelizes, carentes, sujos. Quatro cachorros e um gato. O primeiro morreu de velho, cego, manco e fedido. O gato foi esquartejado pelo pai, tinha um complexo de Édipo retumbante, era fissurado na mãe. Os outros cachorros definharam por motivos diversos, todos horrendos: cinomose, tumor e veneno. Minha mãe espalhou mata-rato pelo jardim e esqueceu de prender o Bóris. Nunca mais confiei nela. Coitada, limpava o jornal, trocava a



água, levava no veterinário, chorou como se tivesse perdido um filho, e mesmo assim não perdoei.

Não há nada mais egoísta do que criança. Não suporto meus netos. Moram longe, melhor para eles. São barulhentos, interesseiros. Amei minha filha até ela completar cinco anos, depois não aguentei a histeria dela, da minha mulher com ela, dela com as empregadas. Eu fazia qualquer coisa para não ter que voltar para casa. Acho que só tive um caso com a Marília para ter para onde ir depois do trabalho. Eu adorava o apartamento da Marília, ficava lá fazendo hora até umas dez, bebendo e ouvindo sem escutar a conversinha mole dela.

Eu não fazia questão de sexo, me empenhava mais por ela. Gostava era da casa pequena, mas muito agradável, no Jardim Botânico, com uma área no térreo onde ela criava uns cágados.

Nunca fui chegado a taras. Gostava na hora, mas tinha preguiça de começar. E as mulheres, invariavelmente, transferem para o homem a obrigação de estar a fim. Como eu nunca estava, os casos amorosos duravam o tempo da sedução.

O casamento é o estado civil mais indicado para homens que, como eu, não gostam de conviver com os outros. Nada mais exaustivo do que administrar encontros e expectativas. Um mau casamento pode ser ótimo para ambas as partes, e o meu foi assim. A Irene abstraiu das tentações e eu também, vivíamos confortavelmente em dois quartos, tudo muito triste e civilizado. Um dia, ela se deu conta de que estava envelhecendo, que aquela era a última chance de foder, e gozar, e amar loucamente, aquelas coisas que mulher acredita que existem. Desconfio que foi a adolescência da Rita que tirou a Irene do prumo. Ela entrou para uma análise de grupo e deu para o Jairo, o gerente do clube, foi chato. Nenhum homem convive bem com a cornidão. Tive que parar de nadar na piscina, eu gostava muito daquela piscina, mas a titular era ela.

A Irene se arrependeu, só que já era tarde. Eu me descobri sozinho, sem culpa, porque foi ela que me deixou, e ainda me interessei por umas duas outras moças, bem ao contrário da Irene, que deu com os burros n'água e nunca mais teve ninguém depois do remador do clube. Ele era casado e, em um mês, já não atendia os telefonemas dela. Toda mulher é ingênua. Não nos vemos há trinta anos, passamos quinze juntos. Comecei a ficar brocha com a Aurora, a segunda mulher que arrumei depois da Irene. Minto, a coisa já não ia bem com a Irene, mas com a Aurora foi definitivo. Sofri uns bons anos, até que relaxei. Adeus, hormônios, adeus, garotas, adeus, silêncio penoso no quarto, adeus, olhos piedosos. Serei franciscano. Sátiro e franciscano.

Meu pai era igual ao Ribeiro, não aceitava a própria brochura. Me lembro de uma Páscoa, ele e minha mãe radiantes, eu perguntei qual era o segredo. Meu pai bateu com a mão na coxa dela e disse que a vitamina dele era “essa mulher aqui”. Fiquei com orgulho deles. No aniversário de setenta e cinco anos da minha mãe, ela me chamou num canto e disse que não aguentava mais tentar fazer o pau do meu pai ficar duro. Dava muito trabalho, ela estava cansada, se sentia obrigada, não queria mais. Chegou a dizer para ele procurar outra, que não se importava, mas ele fechou o tempo. Fiquei muito constrangido com aquela conversa, a Irene estava no pico da crise, e eu sempre fui contra pai e mãe ficarem falando de sexo com os filhos. Ela queria que eu o convencesse a deixar ela quieta.

Abri a porta do quarto, tudo fechado, ele na cama de mau humor. Perguntei como iam as coisas e ele respondeu que mal, muito mal: a minha mãe tinha um caso com o corretor de seguro. Endoidara. A esclerose fez do meu pai um homem paranoico, ciumento e delirante, que acusava a mulher de ter pulado a cerca com uma lista extensa de homens que conviveram com eles desde o casamento. Logo ela, que guardou a virgindade e nunca se

atreveu a querer ninguém. Ele tinha uma arma em casa e veio com uma história de que ia dar um tiro na minha mãe e depois se matar. Joguei a pistola no mar.

Eu a trouxe para morar comigo, o que agravou ainda mais a insatisfação da Irene. Virei um para-raios de problemas familiares, a Rita repetiu de ano, a cozinheira foi embora, o último cachorro estrebuchou, deu um vazamento no banheiro, tudo contra. Internamos o velho num asilo em Maricá, onde ele morreu convencido de que havia passado cinquenta e nove anos com uma adúltera compulsiva. A Irene devia ter casado com ele. Estariam trepando até hoje.

Olha a bicicleta! Todo ciclista é assassino, suicida e assassino.

Me olho no espelho e vejo a tia Suzel. Culpa do estrogênio, me explicou o Mattos, que deixa os velhos com cara de velhas e as velhas com cara de velhos. Tia Suzel morreu solteira e virgem, com oitenta e seis anos. Desses, vinte e seis ela passou abanando o bafo quente do Andaraí com a ventarola, repetindo que queria morrer. Dava vontade de fazer a vontade dela. Uma tarde, Suzel caiu da escada — a queda — e nunca mais rejuntou. Ela morava com a sobrinha num prédio de três andares sem elevador. Hoje, me visita no espelho.

O sinal está fechado, não vem carro, mas não arrisco um tropeço. Espero o verde como um alemão educado. Calor sudanês. Fritei muito ovo no paralelepípedo da Penha da minha infância. O Rio sempre foi quente, não é novidade, não tem nada a ver com essa besteirada de Greenpeace. Desde que eu me conheço por gente que o mundo vai acabar.

Guardo uma lembrança embaçada dos efeitos da testosterona. Não sei mais o que é ser jovem, é como falar de outra pessoa. Nunca fui muito ativo. Eu e o Ribeiro saíamos muito, bebíamos demais, demais. Troquei o dia pela noite, engordei, criei uma barriga dura, sustentada por dois gambitos e um pescoço curto que equilibra a careca lustrosa.

O Ribeiro não, esse saía da boate e ia direto para a praia, só dormia depois de correr do Posto 1 ao 6, ida e volta, non-stop. Ele demorou muito para perder cabelo, o que lhe deu alguns anos extras de vida ativa como Don Juan do Calçadão. O Ribeiro não casou, dava aulas de educação física e tinha fixação nas alunas de dezessete, chegou a apanhar de um pai. Hoje, estaria preso. Sempre achei que o Ribeiro fosse imortal. Ninguém é.

Quem irá ao meu enterro?

Casei depois do Ciro e fui um dos últimos a me separar. Em dez anos todos fizeram o mesmo. O Neto não. O Neto encarou a Célia até o fim. Coitado, nunca soube o que é ficar no banheiro de porta aberta, dormir com a televisão ligada, fumar no quarto, comer na cama, e não ter que conversar e nem que assistir novela.

Sou da opinião que o Neto ficou casado porque era mulato. Eu tenho medo de dar palpite sobre a cor da pele das pessoas. Até Monteiro Lobato, que é o Monteiro Lobato, foi tachado de racista. Mas o Neto, por ser mulato, me queimem na fogueira junto com o Visconde de Sabugosa, sempre correu atrás de parecer distinto. Ele achava que o casamento conferia status. Não condeno, até entendo. É racismo? Que seja, dane-se Zumbi. O Sílvio, que era polaco e calvo louro, não estava nem aí para o que os outros pensavam dele. Acho que tem a ver.

Me acostumei rápido com a vida de solteiro, mudei para um pardieiro de fundos na Hilário de Gouveia. A Irene ficou com a casa e eu com o carro. Eu comia a Aurora e a outra no Chevette azul-metálico. Lá na Barra da Tijuca, quando aquilo ainda era um areal. Na volta, a gente parava num daqueles motéis e via um filme pornô. Quando eu conseguia, repetia o feito. Eu ainda gostava de sacanagem naquela época, mesmo brochando.

Foram as mulheres que me fizeram perder o interesse. Chatas, chorosas, carentes, adoram botar a culpa da infelicidade delas em quem está do lado. Eu nunca dei trela. Mulher fica esperan-

do que você diga meio ai para descarregar três páginas de folheto na sua orelha. Como falam, meu Deus, não cansam de tagarelar. Depois, abrem o berreiro para o otário ter pena delas. Não gosto de mulher. Aliás, não gosto de ninguém.

Gostava do Neto, do Ciro, do Sílvio e do Ribeiro. Homem não fala, cada um diz uma imbecilidade qualquer, a gente ri, entorna, e pronto, foi uma noite extraordinária. Mulher está sempre no encaicho da grande ocasião.

Opa, abriu. Esse sinal demora uma eternidade para abrir e dois segundos para fechar. Lá vou eu, ágil como os cágados da Marília. Não acredito, já está piscando?... Fechou! Não estou dizendo? Ainda falta um terço de faixa e essa porcaria fecha? Calcularam com quem esse tempo? Com o Ligeirinho? O que é? Vai passar por cima? Passa, desgraçado, parte o meu joelho ao meio com o seu farol de milha. Eu já entendi que você quer passar, filhinho! Um dia você vai envelhecer, se tiver sorte você vai envelhecer, e um guri com pressa vai quebrar a sua perna em vários pedacinhos e você vai passar o resto dos seus dias de fraldão, com pânico de atravessar a esquina. Bueiro, calçada alta, fedentina, argentinos.

Não leio jornal, não leio revista, não leio. Também não enxergo. Só vejo televisão. Futebol, o dia inteiro. Adoro mesa-redonda.

Parei no videocassete, minto, tenho um DVD que veio de brinde com a TV de quarenta polegadas, mas nunca me entendi com o controle remoto. Antes, eu alugava um filme ou outro no caminho do consultório do Mattos, mas fecharam a locadora. Não senti falta.

Tive a sorte de envelhecer fumando.

Não separo lixo, não reciclo, jogo guimba no vaso, uso aerosol, tomo longos banhos quentes e escovo os dentes com a torneira aberta. Dane-se a humanidade. Não vou estar aqui para assistir.

Não voto há treze anos, não tenho culpa da tragédia em volta.

Desvio de obra. Como gostam de obra. Os cones sujos no meio da pista, esses carros a toda tirando fino, não veem que eu estou aqui? Britadeira. Britadeira. Britadeira. Como é que esse pobre aguenta? Vai morrer cedo. Não perde nada, mentira, deve perder alguma coisa; não sei o quê, mas deve. Eu nunca encarei a morte como uma possibilidade. Não que fosse apegado a nada de especial na vida, mas é que a morte não existe. A morte é uma doença crônica.

Me lembro, ainda novo, de ver a mão do Sílvio tremendo e achar que era ressaca. Mas o Ribeiro ouviu do filho no enterro que já era Parkinson. O Inácio contou que o pai continuou torturando as vítimas dele por aí, pensando na mão das gaúchas, mas deu pra trocar a hora do remédio, os nomes, o número do apartamento. O Sílvio era magro, elegante e mau. Muito mau. Escroto. Ele se suicidou naquele Carnaval. Tem muitos jeitos de o sujeito fazer isso.

As mulheres não ligavam para ele. Mas era só trocar duas frases com o Sílvio para elas gamarem à loucura. E ele jogava com elas, ligava muito, depois parava de telefonar, fingia ter outras, tratava mal no dia do aniversário. Mulher adora ser maltratada.

Isso foi no início. Com trinta e dois, o Sílvio casou com a Norma e a batida acalmou. Só que vieram os filhos, a Norma teve depressão pós-parto na segunda gravidez e ficou chatíssima. Para piorar, a sogra do Sílvio foi morar com eles. A casa virou um Muro das Lamentações. Era choramingo, novela à noite e criança enchendo o dia inteiro: banho de criança, purê de criança, brinquedo de criança, meleca de criança, escola de criança, cocô de criança. Ele perdeu a paciência, enfiou o mais velho num internato em Petrópolis, de onde o menino só saía para dar uma pinta no Natal, botou a sogra para cuidar do menor, se despediu

da Norma e se mandou para a garçonnière que mantinha na Glória. O Sílvio não era rico, mas também não era pobre. Nem desfez as malas e já marcou com três garotas, isso no dia da mudança. O Sílvio era da orgia.

Ele enlouqueceu pelas gaúchas e foi embora para o Sul. Bebemos à partida. Bebemos muito, numa festa no Leme, e tomamos umas bolas, também, que o Sílvio apresentou. Ele queria ensinar a gente a viver. Quando amanheceu, fomos expulsos, eu, o Ribeiro, o Neto, o Ciro e o Sílvio. Cinco zumbis e uma penca de donzelas fáceis. O Sílvio propôs uma esticada na batcaverna dele. Comemoramos a sugestão. Ele entrou e já foi tirando a roupa, disse que estava com calor. O Ciro se trancou no quarto com a argentina, o Ciro sempre soube fazer as coisas. Acho que o Neto foi embora, e o Ribeiro não sei onde foi parar. Sobramos eu e o Sílvio de cueca, na sala, mais a moça que eu arrastei, a que sobrou do Neto e a mulata do Sílvio que, quando vi, já estava atracada com ele na poltrona de pé palito. As outras duas vieram para cima de mim sem nem perguntar se eu queria, o Ciro começou a gemer atrás da parede, enquanto a argentina gritava: Más rápido, más rápido! Brochei gloriosamente. Uma das meninas, a lourinha do interior, tentou reverter a situação, mas dei um dinheiro pra ela e mandei andar. O Sílvio capotou da poltrona com a morena e não levantou mais. O Ciro também deve ter dormido, porque não ouvi sinal dele no quarto. Saí de lá onze da manhã, a enxaqueca latejando. Tomei um café preto na padaria e desabei no tapete do corredor. Fiquei vinte e uma horas fora do ar.

Talvez o Ciro e o Sílvio fizessem isso habitualmente, mas eu não. Aquela foi a primeira e última vez que estive perto de participar de uma suruba entre amigos. Toda amizade masculina carrega um quê de veadagem. Comer as mesmas mulheres não deixa de ser um jeito de se comer entre si. No mesmo am-

biente, então, é um passo. Mas não concebo, nem de brincadeira, nem de porre, nem de nada, a ideia de beijar na boca o Neto, o Sílvio, o Ribeiro ou o Ciro. Talvez o Ciro. O Ciro, definitivamente. Depois dos quarenta, o tesão migra.

O Ciro passava o rodo. As mulheres só faltavam esfregar a xoxota na cara dele. O Ciro conheceu a Ruth na festa do Juliano e botou na cabeça que ia casar na igreja, com bolo, madrinha, véu e grinalda. Ele ficou alucinado com a Ruth. Ela era bonita mesmo, e inteligente, e sexy. O Ciro acreditou que o grande amor lhe abriria as portas da monogamia.

Levou uns dez anos para o casamento acabar com o tesão do Ciro. E o Ciro sem tesão não era o Ciro. Ele entrou num dilema terrível, falava nisso o tempo todo, não queria trair a Ruth porque sabia que era um caminho sem volta, mas a Ruth virou mãe, esposa, companheira, irmã, tudo, menos amante.

Foi aí que ele começou a brigar com ela, briga feia, sem motivo. Não sei se ele planejou, ou se foi o desespero, mas o Ciro, de uma hora para outra, deu para se irritar por causa de uma frase, um copo, um desodorante. Por coisa nenhuma fazia as malas e saía batendo a porta. A Ruth enlouquecia, faltava ao emprego, emagrecia, e ele também. Dava uma semana, ele voltava e os dois fodiam como se tivessem acabado de se conhecer. Funcionou por uns anos, ele voltou a ficar corado, até que as discussões viraram uma rotina mais destruidora do que o antigo ramerrame doméstico. Ele primeiro se engraçou com a Marta, ou foi a Cinira? Não lembro. Ele comeu uma das duas, ou as duas juntas, enfim, eu sei que, depois que a porteira abriu, o Ciro traçou metade do Rio de Janeiro em pouco menos de um ano. A Ruth definiu. As mulheres cultivam a fantasia de que o verdadeiro amor é capaz de transformar os homens. Quando isso não acontece, e isso nunca acontece, elas perdem o orgulho e viram esses farrapos que a gente vê por aí.



O Ciro conseguiu ser pior que o Sílvio, porque o Sílvio nunca amou ninguém, mas o Ciro amava muito a Ruth. Ela ficou tão chocada com a destrambelhada do marido, o desrespeito dele por ela, a falta de paciência com a família, que desenvolveu uma apatia estranha. Começou no dia em que ela flagrou o Ciro na garçonnière do Sílvio com a mulher de um cliente dele. A Ruth arrombou a porta aos gritos, a amante se escondeu no lençol e o Ciro correu para as calças. Depois disso o Sílvio foi proibido pelo condomínio de emprestar o apartamento. O Ciro ficou frio, se vestiu e saiu sem dar satisfação. A Ruth continuou gritando no corredor, enquanto o elevador descia. Ele pegou o primeiro táxi e zuniu para casa, olha o sangue-frio deste homem. Chegou, tomou banho, botou o pijama, sentou no sofá e ligou a televisão. A Ruth ainda demorou uns vinte minutos para aparecer, possessa, parada na soleira, pronta para o quebra-pau. Só que o Ciro, gênio, um canalha mas gênio, era só carinho. A Ruth contou do apartamento, da vagabunda, e ele, na cara dura, disse que não sabia do que ela estava falando, jurou que chegou em casa, estranhou que ela não estivesse e sentou para ver TV. Aos poucos, foi ensaiando uma indignação contida por ela ter soltado os cachorros em cima de um casal que nem conhecia, e mais, no apartamento do Sílvio! E fingiu preocupação com a saúde mental da esposa. Não deu uma semana, internaram a Ruth num sanatório. O Ciro nunca mais se perdoou, mas também não fez nada para mudar. Deixou o que sobrava da Ruth na casa da irmã dela e se mudou para um apartamento pequeno, uma cobertura na Santa Clara onde não cabia nada que não fosse ele. E continuou riscando o nome das moças do caderninho. Era uma base de três por semana, quatro, dependendo da carência que batia nele.

Jamais achei que o Ciro pudesse ser tão brutal. Do Sílvio, eu esperava tudo, mas a frieza do Ciro com a Ruth foi chocante.

Invejei o Ciro a vida inteira. Ele era muito bonito, daqueles caras que sabem jogar sinuca, futebol, peteca, pôquer, e ganham todas sem se esforçar. E mesmo nas horas mais condenáveis, como a daquela quase bacanal na casa do Sílvio, o Ciro sabia ser cortês. Arrastou a argentina para o quarto, foi cavalheiro.

Eu me casei por causa dele. Como era solteiro, fui ficando de fora dos almoços de domingo. Ia o Neto e o Sílvio com as esposas e eu e o Ribeiro sobrávamos. A Irene era amiga da Ruth, elas armaram um encontro, eu achei que melhor não podia ficar. Depois, as duas dedicaram anos a falar mal de nós dois.

Pensei que ele estava emagrecendo daquele jeito por causa das noitadas e do excesso de tudo. Numa terça-feira de sol, o Ciro me chamou para tomar um café e me contou que estava com câncer, no pâncreas, sem solução. Ele tinha acabado de fazer cinquenta anos. Fiquei mudo, não sabia o que dizer. Pensei no dia em que ele conheceu a Ruth na festa do Juliano, no casal bonito que eles formavam. O Ciro era o nosso Kennedy. Partiu seis meses depois desse encontro. Eu fugi dele, fiquei apavorado, não queria ver. Mas carreguei o caixão. A Ruth não apareceu.

Tem uns trombadinhas vindo na direção contrária. Já perdi a conta do número de vezes que fui assaltado. Foram tantas, que eu só saía de casa com a roupa do corpo. Aí, numa tarde besta, saindo da ressonância lá em Botafogo, dois pivetes me cercaram. Quando descobriram que eu não tinha dinheiro, nem celular, nem porcaria nenhuma, me deram uma surra. Agora, carrego sempre um trocado para o assalto. Passaram. Vai ver eram honestos. Pretos, de short, chinelo e sem camisa, mas honestos. Bota a culpa no Monteiro Lobato.

Ganhei do meu pai, de Natal, a coleção completa do Sítio do Picapau Amarelo. Eu tinha doze anos. Ela sobreviveu e eu dei para a Rita, achando que estava apresentando o céu para ela, mas a Rita amarrou a tromba porque queria uma Barbie. Tentei

ensinar matemática com o Visconde, história com Dona Benta, gramática com a Emília, mas ela criou aversão ao Sítio, reclamava que não tinha figura. A Rita cresceu ignorante e fútil. Na adolescência, torci muito para ela não engordar, porque, com o qi da minha filha, o melhor que podia acontecer era ela arranjar um bom casamento.

Arranjou um médio, com um radiologista de Uberaba. O pai tinha uma clínica de imagem e o filho entrou para o ramo. Eles se conheceram numa férias dela em Ouro Preto. Meu genro é uma besta quadrada, do tipo que afirma que todo mal provém do stress. Então tá, do stress. Sou acometido de um sono hipnótico toda vez que converso com ele. Pode ser em pé, sentado, no carro, numa festa horrorosa, dessas de fim de ano. O Felipinho e o Marcelinho relincham alto para me acordar e cantam com voz de débil mental que o vovô está gagá. Mal sabem eles que só estou me protegendo da chatice do ignóbil do pai deles. Pai esse que lhes deu metade dos genes medíocres, sendo que a outra metade quem deu foi a mãe deles, que herdou de mim os piores genes, aqueles que não gostam de Monteiro Lobato. Os galhos estão podres, Felipinho e Marcelinho. Os seus filhos vão ser gordinhos que nem vocês, vão apanhar na escola, vão ser filhinhos de mamãe, riam bem alto, vocês nem sabem o que vem por aí: acne, pau pequeno, calvície, pressão alta, colesterol, tosse, mau hálito, pelo no ouvido, falta de ar, incontinência urinária, derrame, eu vou assistir de camarote. Qualquer garoto de rua tem uma genética melhor que a de vocês. Agora vão pro quarto porque eu quero voltar a cochilar ouvindo a ladainha do seu pai.

A Rita me visita no Rio duas vezes por ano, quer que eu mude para Uberaba, imagina. Como se eu fosse resistir a Uberaba, e ela a mim, e eu aos filhos dela. Melhor o asilo, muito melhor o asilo; em Maricá. Quando ela vem, procuro ser gentil, o idiota

do marido sempre a tiracolo. Eu marco deles virem à noite, na hora da insônia, para ver se durmo no embalo da cantilena. Poderoso sonífero, o papo do meu genro.

Meu quartirão! Mais cinquenta e sete passos e chego. Adoro contar os passos. Não saio muito, não tenho aonde ir, não trabalho há dezoito anos. Outro dia, me dei conta de que sou funcionário da minha saúde, trabalho full time por ela. Todo mês faço os exames mensais, todo ano os anuais, todo semestre os semestrais, quando acaba um, já é hora de fazer o outro. E tem que agendar, e tem que trazer o protocolo, e guardar a via, e entrar na fila. Plano é igual INPS. O consultório do Mattos fica num edifício comercial aqui de Copacabana lotado de médicos senis. De vez em quando, um bate as botas. Vou lá toda semana, sei a distância, o tempo, as passadas do trajeto completo e a parcial dos blocos, o ritmo dos sinais, os canteiros, os postes e as pedras do caminho.

Agora que o Ribeiro morreu, não tem ninguém que eu vá encontrar, mesmo que por acaso, no cruzamento. Só visito os médicos e não gosto deles. Não gasto nada. Uma loja alugada, que herdei do meu pai em Copacabana, paga o seguro-saúde, e o resto vem da aposentadoria. Como embutido, porco, coxinha e cupim, bebo água da torneira e não preciso de ninguém.

Que sirene é essa? É bombeiro, achei que era ambulância. O bom da sirene é que eu paro de escutar o zumbido, o enxame de abelhas que apareceu há uns cinco anos no ouvido esquerdo, depois foi para o direito, em estéreo, e só faz piorar. Estou ficando surdo. Amanhã tenho uma consulta para medir de novo a audição. Acho que meus óculos ficaram em casa.

Que sirene é essa agora? Ah! É garagem. A garagem do meu prédio. Cheguei. Nem contei direito, vim conversando. Com quem? Conversando com quem? Comigo mesmo, que é com quem eu gosto de conversar. Tem um carro subindo a rampa,

vem no embalo, melhor acelerar as pernas. É a desnaturada do 704, está fugindo dos cachorros, vai viajar, covarde. Acho que ela não me viu. Não, ela não me viu. O carro deu aquele voo no fim da subida, ela vem descacetada, está no celular, não notou que eu estou aqui. Larga essa porcaria e presta atenção no que está na sua frente! Eu! Eu estou na sua frente! Ah! Finalmente, reparou, vai frear, se atrapalhou. Como assim, se atrapalhou? Está nervosa, é bom mesmo ficar nervosa. Quantos anos tem essa incapaz? Ela fez exame psicotécnico? Pode dirigir com essa idade? E os cachorros da área de serviço? Freou! Achou o freio, estou ouvindo o cantar dos pneus. O carro continua andando; como assim, continua andando? Derrapou? Não vai parar? Está fora do alcance dela? Ela me encara com ar de pena e fecha os olhos pra não ver o que vai fazer comigo. Abre o olho, desgraçada, vem ver o que você aprontou. Por que é que eu não te denunciei para a Associação Protetora dos Animais? Eu devia ter desconfiado que alguém que trata assim o próprio cachorro não tem respeito à vida humana. Já sinto a lataria roçar o tergal da calça.

Um pulo. Há quantos anos não dou um pulo? Dobro a perna direita, estico a esquerda e me jogo pra frente. Anda, a lataria no tergal! Andar deixou de ser um ato inconsciente. Aciono os comandos. Dobro, estico, estou no ar, me preparo para a aterrissagem, a ponta do pé toca a pedrinha, relaxo o peso... está solta? Como assim, está solta? Eu jogo o meu esqueleto em cima do pedregulho e ele solta? Quem foi o relapso que socou isso aqui? Cadê o empreiteiro? Cadê o prefeito, que não aparece? Não tem mais volta, o pé torceu, estou caindo, o carro passa raspan-do, mas a gravidade já me puxa em direção ao paralelepípedo. A queda. A minha queda, aquela que vai me fazer ter saudade do dia em que eu contava os passos no caminho do consultório do Mattos. De uma hora para outra serei tia Suzel. A mão arranha o chão, tenta amparar, não consegue. O cotovelo esfola, o qua-

dril sai do lugar e a cabeça se precipita no granito bruto do meio-fio e bate, como um badalo de sino de igreja.

Preto, preto, preto, preto, preto, cadê branco? Cadê as ondas do mar? A bruaca do 704 é uma loura tingida, dessas que cheiram a água-de-colônia com pó de arroz e usam tailleur com a saia igual ao casaquinho.

O meu anjo da morte. Quem diria?

Uma vez, perguntei a um budista que acreditava em reencarnação o que, afinal, reencarna. Ele disse que era uma parte tão ínfima, mas tão ínfima que, nela, não há vestígio do indivíduo de outrora. Tem sangue saindo da minha cabeça. A perua do 704 saiu do carro aparvallhada, o porteiro vem correndo. Não sinto nada, nem dor, nem pena. Estou bem, aqui. Foi bom lembrar dos amigos, nada é por acaso. Se houvesse outra vida, seria bom encontrar com eles, visitar o Ciro e o Sílvio no inferno, ia ser bom. Mas não há. A morte não existe. Nem o budista reencarnacionista acha que vai voltar igual ao que foi. Vou estar na planta, na baba da lagarta que devora a planta, na mosca que lambe a baba da lagarta que devora a planta. Estarei por ali. Foi de bom tamanho, eu estava cansado. A indiferença daqui me cai bem.

Falei muito mal das mulheres, elas merecem. Os homens também não prestam para nada. E um não foi feito para o outro.

Desintegro no ar sobre Copacabana. Uma vez, li que a morte era o momento mais significativo da vida, e é mesmo. A minha foi boa, está sendo, não por muito mais.